

Uma candidatura que cresce no ritmo do PIB

Perspectiva de recuperação econômica do país fortalece nome de Malan para eleições presidenciais de 2002

Liana Verdini

Embora ainda faltem mais de dois anos para as próximas eleições presidenciais, previstas para outubro de 2002, o assunto não sai da pauta dos políticos. É que uma espécie de corrida, por enquanto disputada sem muito alarde, está em curso. Ao Palácio do Planalto, deslanchar esse processo agora pouco interessa. Quando 2002 chegar, se nenhuma crise internacional atrapalhar, a economia deverá estar fornecendo números bastante satisfatórios, que ampliarão o candidato do governo a conquistar votos.

É promissor o futuro econômico para 2002, em preparação no interior dos gabinetes da Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Por isso mesmo, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, condutor da política econômica, vem se transformando num dos mais fortes candidatos, conquistando apoio tanto do presidente Fernando Henrique, quanto do PFL, de Antônio Carlos Magalhães. E diante do panorama previsto — juro real bruto de um dígito, inflação em queda, economia crescendo mais de 4% ao ano e risco Brasil diminuindo 75% até 2003 — seu nome se tende a se fortalecer.

Ajuste fiscal é condição básica para melhora

Os economistas ressaltam que tudo isso será realidade se o Governo mantiver a disposição de gastar menos do que arrecada, insistindo no chamado ajuste fiscal. Além disso, as projeções feitas pelos economistas consultados pelo GLOBO só valem se as hipóteses previstas nas simulações se confirmarem. De qualquer forma, os números dão uma boa idéia do cenário que o país estará vivendo no ano da disputa presidencial.

O cenário hoje já dá claros sinais de melhora — diz José Júlio Senna, sócio da MCM Consultores e ex-diretor de Política Monetária do Banco Central.

As últimas estatísticas registram expansão do crédito, redução dos juros dos empréstimos, diminuição da inadimplência, aumento do uso da capacidade instalada da indus-



PEDRO MALAN, condutor da política econômica, vem se transformando em um nome forte para 2002

tria e maior quantidade de mercadorias brasileiras exportadas. Tudo isso tem um impacto muito positivo sobre a economia. Tanto que o ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola, sócio da consultoria Tendências, acredita que o Produto Interno Bruto (PIB) poderá crescer entre 4% e 5% ao ano entre 2001 e 2003, com uma inflação média anual de 5%. Isso se o ajuste fiscal for

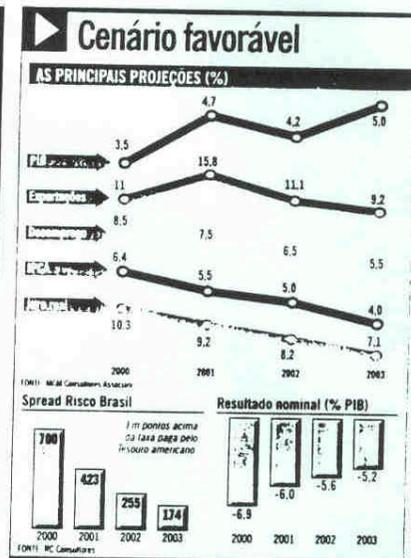
mantido e o cenário internacional não se deteriorar.

— Eu acho que as chances de isso ocorrer são de 60% a 70% — calcula Loyola.

Mas as possibilidades de uma crise externa voltar a abalar o Brasil ainda são grandes, segundo ele. Algo entre 30% e 40%. A dependência ao capital internacional puxa para cima o custo do dinheiro, o que, somado à variação cambial, prejudi-

ca a percepção de segurança e o planejamento, segundo o economista Paulo Rabello de Castro, sócio da RC Consultores e um dos conselheiros preferidos do PFL, partido que está na base de sustentação do Governo Fernando Henrique.

— O fato é que ainda impera o regime de vulnerabilidade no nível deseroso da economia. Temos uma enorme dependência, no meu sentido da



palavra — diz ele.

Toda essa vulnerabilidade, segundo Loyola, está relacionada ao ajuste fiscal capenga, feito apenas pelo lado da arrecadação, sem muito sucesso na redução das despesas. A área econômica sabe disso. Tanto que incentivou os governos estaduais a renegociarem suas dívidas com o Tesouro. Pelo acordo, se o estado atrasar o pagamento das mensalidades, a União pode deixar de repassar as parcelas relativas ao fundo de participação.

Encontros de Malan com políticos se intensificaram

Nas primeiras negociações de dívida, o assunto era tratado basicamente pelo então secretário do Tesouro Nacional, Eduardo Guimarães. Nos últimos encontros, entretanto, Malan tinha sua agenda mais passiva a incluir em sua agenda um maior número de encontros com políticos. Localidade do cargo que nunca o agrada. Já há algum tempo, no entanto, e cada vez mais

frequente a presença do ministro da Fazenda em jantares com políticos em Brasília.

O principal sinal de que Malan pensa mesmo em se candidatar foi a decisão de registrar o endereço na Internet www.malan2002.com.br. O ministro da Fazenda de Fernando Henrique tem a simpatia do PFL. Seus adversários chegaram a acreditar que ele se enfileiraria depois da briga do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, com o presidente. Não foi o que ocorreu.

O poder de Malan incomoda tanto que, semana passada, foi atribuída a ele uma nota publicada por uma revista, dizendo que o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, estaria com ístio do cargo. A intriga foi logo negada por seus assessores.

O fato é que Malan conseguiu uma projeção maior que o chanceler ao negociar pessoalmente a convergência macroeconômica do Mercosul, isto é, uma forma única de calcular as estatísticas oficiais dos países membros. ■

Ministros disputam o apoio de FH

No Planalto, José Serra e Pedro Malan são os dois nomes mais fortes

• A disputa pelo direito de ser o candidato oficial e grande dentro do Governo. No momento, faltam mais de dois anos para as eleições, a polêmica está polarizada entre os ministros da Saúde, José Serra, e da Fazenda, Pedro Malan. Para um ministro ouvido pelo GLOBO, a impressão é de que se o presidente Fernando Henrique não puder ser candidato ao movimento pelo parlamentarismo voltou ao debate político, seu preferred é Malan.

— Mas Fernando Henrique vai ter que se acertar com o Serra, o Paulo Renato e o José Serra — ressalta.

Malan passou do inferno ao céu em poucos meses.

Ha mais de um ano Malan vem se preparando para virar candidato. A Presidência seria Republicana, depois de ter sido do inferno para o céu em poucos meses. No fim de 1998 e início do ano passado, eram frequentes os comentários sobre a insatisfação de Malan que teria chegado a pedir ao presidente outro por mudar a política cambial e nomear o então governador de Minas Gerais para a presidência do Banco Central.

Seu deslato durou apenas 18 dias no cargo. Ao começar a virada de Malan e sua fala bem cuidada, herança da experiência como diplomata e hoje ainda importante nos frequentes encontros políticos, este vem mantendo o equilíbrio. O ministro indicou e aprovou a

nome de Arminio Fraga para o BC em meio a maior crise do Governo Fernando Henrique, desencadeada pela desvalorização do real.

Assim, ampliou sua teia de influência. Em setembro, conseguiu afastar o ministro da Casa Civil, Clóvis Cavallini, que na época criticava a política econômica e pediu mudança radical na trajetória dos juros. Em seu lugar, entrou Pedro Parente. Malan conseguiu também por

Martus Tavares no Planejamento; Francisco Gros no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; José Luiz Osório na Comissão de Valores Mobiliários; e Marcus Vinicius Prati no Ministério da Agricultura.

Hábil, conseguiu atrair para seu lado Alcides Tápia, atual titular da pasta do Desenvolvimento econômico do Mato Grosso do Sul, durante a queda-de-branco com o então presidente do BNDES, Andrea Calabi, antigo aliado de Serra. ■

Indicadores sociais serão ponto fraco nas eleições

Débate sobre política social e emocional

• O ponto fraco até 2002 são os indicadores sociais, segundo os economistas da Fundação Getúlio Vargas. Todos do Instituto Brasileiro de Economia — Antônio Porto Gonçalves, Roberto Fendt, Jack Schechtman, Marcelo Verré e René Garcia —. — Os indicadores macroeconômicos estão bem, mas as condições da população, não vamos ter um crescimento grande de pessoas pressionando o mercado de trabalho e inflação — diz Porto Gonçalves, diretor do IUPERJ.

Para ele, as políticas sociais continuam a ser discutidas em termos populistas, como há 50 anos. Schechtman ainda vê um risco adicional: o preparo escolar delicante poderá pesar contra num futuro não muito distante. Para Neri, os debates sobre questões sociais no Brasil são emotivos.

— A Previdência consome mais da metade dos gastos sociais do Governo. Mas só se fala disso pelo ângulo fiscal. É preciso deixar claro que, se o salário-mínimo subir, vai faltar dinheiro para outras coisas.

• O desemprego e outro ponto que pode pesar contra o Governo. Para os economistas da FGV, as estatísticas custarão a rodar, mesmo com recuperação econômica.

Aprenda o jogo em que todos ganham

MBA - NEGOCIAÇÃO, MEDIAÇÃO E ARBITRAGEM

Horas-Aula: 360

Coordenação Acadêmica:

Profs. Enrique Saravia, Eurenio do Carvalho e Regina Micheletti

Início: 25/05

2 dias por semana:

Sex. das 18:30 às 21:45

e sáb. das 8:30 às 14:30



O curso trabalha com simulações, estudos de caso, exercícios práticos e ferramentas de auto-avaliação e apresentações de negociadores experientes. Os créditos são válidos para a sua capacitação como mediador.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Programa, informações e inscrições: 0800 211559-5902
Fax: 0800 211559-5901 e managem@fgv.br